

**Ciberfil Literatura Digital**



# **Os ovos e suas cascas**

***Jorge Trindade***

*Há muito tempo atrás havia um sonho. Era mesmo um sonho?*

*Eu sei, sim eu sei.*

*Ele me parecia tão real, era tão real para mim.*

*John Lennon, # 9 dream*

... estou caindo, estou caindo, e não sei aonde essa queda vai me levar. Se alguém puder ajudar que me ajude. Minhas mãos tentam desesperadamente e inutilmente apaziguar minha agonia, debatendo-se freneticamente no vácuo. Uma delas, não sei qual das duas, tenta encontrar algo sólido em que possa se agarrar, e assim interromper a queda. A outra, a que sobrou, também não identificada, procura encontrar uma base, o chão, para tentar amortizar a queda do corpo que com ela despenca.

Repentinamente, de olhos arregalados mas sem nada ver, me encontro numa encruzilhada.

Os caminhos que se cruzam são dois.

O primeiro é a vertiginosa sensação da queda.

O segundo é a certeza da impossibilidade dela, pois no próximo instante, já saindo da encruzilhada, verifico que durmo em um colchonete praticamente rente ao chão, constatando assim que não há altura suficiente para que a queda sentida possa de fato acontecer.

Entendi, que a queda, era o retorno do meu eu -- seja lá o que isso for -- do mundo dos sonhos à realidade. Mas eu ainda não podia acordar. Eu precisava saber o nome dos seres que no sonho eu contemplava tão maravilhado.

Então tornei a dormir, para tentar ingressar de volta ao ponto de onde saíra do mundo onírico para a realidade com informações incompletas.

Consegui. Fiquei sabendo que o nome daquelas criaturas era Honocendos.

Os Honocendos assemelham-se à primeira vista, com bonecos de neve e rosto de foca. Sua função e justificativa de sua existência, consiste no fato de que são a personificação do que sente alguém num momento de transição psicológica. Exemplo:

Uma pessoa que esteja atravessando um período em sua vida de muitas dificuldades e derrotas, chega a um ponto em que perde a esperança de uma melhora e cria em sua mente uma paisagem toda negra. Conforme a situação vai mudando, e essa pessoa começa a ultrapassar o período, esse negrume é invadido pela cor branca. Quanto mais o branco se faz presente -- e isto se dá com a contínua aproximação dos Honocendos -- mais conseguimos visualizar esses seres.

A visão total deles, só é possível quando eles ultrapassam a metade do espaço que antes era totalmente negro. A partir do momento em que eles já estão na segunda metade do percurso, não mais os vemos, vemos apenas a brancura que eles vão deixando no decorrer do caminho, que se processa como se fossem flocos de neve sendo espalhados.

É importante ressaltar, que quando vemos os Honocendos na sua totalidade, constatamos com inegável surpresa, que no centro de seu corpo, aninha-se uma compacta massa negra.

Curioso com essa observação, procurei me informar mais a respeito da espécie, e constatei um pouco incrédulo, que os Honocendos também agem de maneira oposta à descrita, ou seja.

Se a paisagem é toda branca, e o período que se aproxima é ruim, o negro que vai se apoderando da paisagem, também é espalhado pelos Honocendos.

Ainda não vi como é o aspecto deles nessa condição invertida, e creio que não gostaria realmente de vê-los. Para falar a verdade, acho que ver os Honocendos em "Poesie Noire" é praticamente impossível, pois quando as coisas estão bem, sempre tendemos a acreditar que o quadro não mudará, não nos damos conta dos perigos iminentes, e só nos apercebemos deles, depois que ultrapassaram a metade do caminho e aí já é tarde demais, só nos resta ver o negro, e os resquícios do branco sendo cobertos.

Acredito, que assim como na primeira descrição, os Honocendos em sua negra versão devam também possuir a central massa compacta, porém deduzivelmente branca.

Acordei definitivamente com uma ambivalência de sentimentos. Em um dos extremos, a cólera desencadeada pela constatação da grande fragilidade de que somos feitos. O outro extremo, se banhava nas extensões do perdão, pois se reconhecia em mim tanta vulnerabilidade, como não compreender a dos outros, apenas pelo fato de a expressarem de outras formas.

Acabei optando pelo perdão. E como o perdão nos enche de benevolência e paciência, tratei de por em prática minhas bondades reprimidas.

Iniciei a tarefa me pondo a pensar em quem estaria precisando de bondades.No mesmo instante, me veio à mente, a imagem dos inquisidores estendendo suas benevolências à humanidade, o que me fez concluir o seguinte:

Até que ponto, seja lá o que fosse que eu quisesse fazer por alguém, não seria mais uma tentativa de transferir minhas necessidades à imagem do outro, do que um gesto despojado de solidariedade?

Então resolvi confirmar a autenticidade dessas intenções comigo mesmo.

A coisa mais imediata que eu poderia fazer por mim, seria arrumar meu quarto.O que se deu a seguir.

É curioso observar que ao arrumar um quarto ou uma gaveta, temos a sensação de que estamos também a arrumar a vida.

Decidi começar por uma pilha de papeis entulhados abaixo do televisor, e só conservar o que fosse realmente necessário.

Repentina vontade de desistir e deixar tudo como estava.

A distância cria uma dificuldade que facilita tudo.

Para justificar a imobilidade em resolver minhas questões, transfiro para o reconhecimento da distância a causa para meu desânimo.E fico flertando com a possibilidade de um dia mexer nos papéis da minha vida, sem nunca realmente tomá-los e ler o conteúdo. Facilitando a permanência no lugar onde me habituei a ficar.

Caverna escura onde habitam seres horripilantes, que sabem que assim são pelo que sua visão pode causar aos que os observam, e não por possuírem o horror em si mesmos.

E por acreditarem que assim são, não arriscam um passo para fora. Mantendo-se na ilusão de que a visão distorcida pela escuridão,das coisas que ocorrem fora da caverna, são a expressão da verdade.

Certa vez, convoquei todos os habitantes da caverna, e propus a eles que nos uníssemos e fizéssemos uma rebelião.

Tive o apoio de alguns, e a recusa de outros. Principalmente por parte dos morcegos, pois estes já vem ao mundo conscientes de que seu lugar é nas trevas.

Quando o pequeno grupo de amotinados se definiu, fomos em direção à saída da caverna.Porém, a coisa toda acabou sendo muito dramática e sem resultados, pois o momento escolhido foi infeliz, uma vez que o sol brilhava em todo o seu esplendor, e como nossos olhos há muito se habituaram à escuridão; a

luminosidade dos raios emitidos pelo astro rei foi demais para nossas pupilas que sempre foram dilatadas para poderem enxergar na eterna noite a que estávamos condenados.

Fugimos como loucos da claridade, e nos refugiamos na parte mais interna da caverna.

Os morcegos nos recriminaram com superioridade e disseram:

-- O que os faz pensar que podem abandonar algo que os acompanha há tanto tempo? Quem lhes deu a ilusão de que podem se livrar daquilo que pertence intrinsecamente a vocês?

Eu não soube o que responder na hora, mas sentia que algumas coisas precisavam ser revistas, precisava saber o que eu devia ou não conservar.

Retirei a pilha de papeis do lugar onde se encontravam e me pus pacientemente a verificar o conteúdo de cada um deles. Detive-me logo no primeiro.

Tratava-se de uma lista onde estavam enumeradas as pessoas a quem eu deveria agradecer e fazer felizes.

Notei que a lista estava desatualizada, pois não continha o nome de certas pessoas, que muito provavelmente entraram em meu convívio após a feitura desta. Algumas já haviam morrido, e outras não mais importavam se estivessem felizes ou não.

Mas havia algo de desconcertante e até certo ponto paralisante naquela lista.

Um nome não estava constando ali. O meu.

Olhei mais uma vez, e vi que o lugar na lista não estava vazio. Estava preenchido pela minha ausência. E percebi com um misto de tragicidade e espanto que essa ausência é o que sempre me impus durante toda a vida.

Uma ausência maior do que não estar presente no mundo. Eu estava ausente de mim.

Sempre que eu me imaginava em alguma circunstância, era como se eu observasse uma outra pessoa. Nunca participei nem das melhores nem das piores fantasias por mim imaginadas.

Aquele que eu vejo, é algo que eu gostaria ou não de ser. Jamais eu mesmo.

Em um lugar bastante escuro que existe dentro de mim (lugar esse que não tenho coragem de ir), sei que se encontra escondido aquilo que eu realmente desejo e sou. Essa coisa me acompanha há bastante tempo (quanto?).

Porém, todas as vezes que eu tento compreendê-la ou pensá-la, ela desliza para as profundidades abismais desse escuro lugar de que falei, e lá fica esperando pacientemente que eu me esqueça dela -- como se isso fosse possível -- para novamente emergir.

Algumas vezes, quando estou distraído a olhar para o nada ou para o tudo, percebo algo ao meu lado -- quase sempre o esquerdo -- a me acompanhar, mas quando volto meu olhar para contemplá-lo, nada vejo. E fico com a sensação de observar um espaço vazio, onde há pouco havia uma presença.

A coisa é quase fantasmagórica, só não é em sua totalidade, pois em meu íntimo, tenho a certeza de que sua real expressão -- que por enquanto não passa de visitas -- só se fará, ao se unir ao que é material, ou seja, em mim. Por isso, passarei a chamá-la de pré-fantasma.

Faço isso, para poder me referenciar a ela, e em respeito à sua atual condição.

Sei que o pré-fantasma se manifestará novamente; a curto, médio ou longo prazo, e me pergunto se suas aparições sempre fugidias e escorregadias mantêm esse padrão porque eu sem saber não permito uma aproximação mais consistente, ou se suas investidas são uma espécie de monitoração, numa tentativa de avaliar o momento certo de se unir a mim.

As vezes, eu penso em chegar próximo ao abismo que contém minhas escuridões, sabendo de antemão, que o pré-fantasma ali se abriga. Mas esbarro num ponto crucial: a falta de coragem de lá mergulhar.

Eu poderia porém, levar comigo um balde preso a uma corda e mergulhá-lo na escuridão, e quando eu sentisse que ele estivesse cheio dela, eu o içaria e jogaria fora a quantidade de escuro que porventura eu conseguisse recolher; e faria isso repetidas vezes, até esvaziar o abismo de seu conteúdo. Assim como ao retirar água de um tanque.

Mas:

-- Dúvida dilacerante.

Como ficará minha alma, se ao terminar a tarefa, eu em espanto e arrependimento, descobrir que conforme fui retirando e jogando fora as porções de escuro que recolhi no balde, eu joguei fora também as coisas que ali haviam. Que farei ao constatar que tudo o que não conheço em mim, é o próprio escuro que me amedronta. E a medida que fragmentei uma coisa que é uma (a escuridão) para individualizar meus medos, eu perdi a oportunidade de conhecê-los e talvez superá-los.

Deixarei tudo como está. Que o pré-fantasma continue com suas investigações, pois parece mais apto do que eu para fazê-lo.

Ou então, se a tentação for tamanha a ponto de me arrastar à beira do abismo, que eu mergulhe de uma vez por todas nele e decifre ou não o mistério que me obceca.

# REFLEXÕES

*Devemos qualificar simplesmente de demoníaco, esse comportamento enigmático com relação à realidade, ao todo sólido e fechado que o mundo apresenta.  
Leopold Ziegler, O Santo Império dos Alemães.*

Tentei me consolar, buscando no que é artificial uma companhia, mas me frustrei.

O computador não me entende. Sento diante dele, digito minhas profundezas, e ao terminar, ele me responde irredutível que não concorda com as palavras que utilizei para expressar o que é meu. E ainda por cima, têm a audácia de querer me ditar palavras que ele acha que são as corretas.

A forma como ele entende o que digo, não é a minha, então me revolto e opto pela velha e compreensível máquina de escrever.

O toca-discos, esse mostra em sua mecânica de máquina como é o processar-se da vida em nossa natureza de ser humano.

Nesse caso quem não compreende sou eu.

Vejo o disco que é redondo, mas seus sulcos onde estão contida a música são em espiral -- curva plana que descreve uma infinidade de voltas em torno de um ponto, de que se afasta progressivamente.

Olho o braço que desliza sobre a superfície desse mesmo disco, e constato que ele vai do início ao fim da música. Mas apesar de testemunhar que ele percorre a faixa, não consigo perceber sua lenta caminhada.

Assim como a vida, que passa num processo de evolução mas não vemos a sua marcha.

Fixo mais uma vez o olhar no braço fonocaptor, e tenho a sensação de que está parado, e me surpreendo de ouvir música.

A televisão me observa ativa de seu pedestal, como se sem ela não pudéssemos viver.

Faz uma inversão de papéis, ao passar de objeto de observação para observadora.

Ela pensa que é independente e possui vida própria.

Não conto a ela, que sem uma emissora que transmita uma programação, sua utilidade se perde, pois não quero que ela desista de viver e se suicide por ser um simples monitor e não poder exprimir a sua essência.

Quando visualizo a enceradeira, minha utopia de liberdade plena se desvanece. Ela possui os mecanismos para se locomover e a eletricidade que a anima. Mas o que aconteceria se não houvesse alguém lhe segurar o cabo e guiar seu rumo?

Lancei um olhar de soslaio ao vídeo-cassete, mas resolvi não tirá-lo de seu repouso, pois o que mais ele poderia me oferecer, além de imagens de um passado imutável? Mesmo que eu gravasse outras imagens sobre as que estavam gravadas na fita, ainda assim seria a substituição de uma imutabilidade por outra.

De repente eu não suportava mais ficar confinado no quarto.

Resolvi comer alguma coisa e andar um pouco, para diminuir a angustia que cada vez mais crescia em mim, e que eu sabia que não teria forças para suportar e dominar.

Fui até a cozinha, abri a porta da geladeira e procurei em seu interior alguma coisa que eu pudesse comer rapidamente para em seguida sair.

Dentre as opções que ali haviam, fixei meu olhar em uma fileira de ovos e fiquei a fitá-los por alguns instantes, e ao ver os ovos, percebi imediatamente que só os aceito na totalidade de suas possibilidades e na convicção de que um dia deixarão de ser ovos.

Não me isento de responsabilidade na conclusão a que cheguei do ovo, mas reconheço também, que sua natureza não nos permite uma compreensão maior.

O ovo enquanto ovo, é mais um estado intermediário do que propriamente uma situação definida, pois o que deveria eu, ou quem quer que seja fazer com ele, se não o desejarmos como alimento, ou vê-lo em outro estágio que seria o de pinto, e mais tarde galinha ou galo.

Essa impossibilidade de o ovo poder existir sem que a ele se transfira a obrigatoriedade de uma outra forma de ser, faz com que eu seja imediatamente solidário com ele e abrace a sua causa.

Sofro com o ovo, quando sei que ele tem consciência de que estão sempre esperando que ele deixe de ser

ovo e se transforme logo em algo a que se possa atribuir uma utilidade.

A relação humana com o ovo é de extremo egoísmo e hostilidade, pois ou lhe quebramos a casca -- que também é importante, pois ovo é a visão da casca com a certeza de seu conteúdo, que pode estar podre ou não -- para de dentro dela extrair o material de inestimável valor, ou só permitimos que ele continue sendo ovo, se ele não se rebelar e continuar em seu ninho, para ser chocado sob os cuidados e vigilância de sua mãe: a galinha.

Pois bem ovo, sei que nada posso fazer por você, mas torço para que um dia, algo em sua essência se liberte e você não mais viva a imagem do que esperam que seja. Que você possa levar adiante a sua oval forma de ser, e com isso, desperte as pessoas para que também elas não se transformem naquilo que desejam que elas sejam.

Fechei a porta da geladeira, sabendo que comer qualquer coisa por hora seria impossível. Saí de casa, e como não tinha um lugar específico para ir, comecei a andar a esmo.

-- Aonde vai? Interrogou sombria, uma voz que se evolava de mim. Flagrando-me em tentativa de fuga.

-- Buscar no mundo o que não encontrei em mim.

-- O que não foi encontrado em você, que acredita poder encontrar no mundo?

-- Respeito, amor próprio e outras coisas que me custam muito admitir.

-- Não acha que vai percorrer um longo caminho para encontrar coisas que se existem, estão em você?

-- Essas coisas não estão em mim. Quando olhei para o meu interior, só vi o oposto delas.

-- Existe a possibilidade de você ter se enganado, e ao invés de olhar para elas, você viu o reflexo delas refletido nas poças de lágrimas que há muito vem se formando em seu interior.

-- Não creio que tenha sido isso, o que vi foi tão real. Eu quase podia tocá-las, tão presente elas se mostraram.

-- Por que não tenta mais uma vez?

-- Seria inútil.

-- Sim, será inútil se você continuar a se considerar vítima de todas as coisas. Seque as lágrimas desse choro incessante, o que impedirá a formação das poças, e quando elas se evaporarem, só restarão as coisas como elas realmente são, e assim, você poderá julgar se o que está vendo é real ou não.

-- Farei isso na volta.

-- Certamente que fará. Disse a voz em tom irônico e duvidoso.

Depois de caminhar um pouco, fui me aproximando de um viaduto, e ao me aproximar de uma de suas pilastras, vi um desenho que mostrava uma figura do planeta terra no momento de uma explosão, e de dentro dele alçava vôo uma pomba.

Não era bem uma explosão no sentido em que entendemos explosão. Parecia mais o rompimento de um invólucro no momento do nascimento de algo que se desenvolvia e se estruturava em seu interior.

Fiquei a partir do momento da visão, pensando na grande capacidade do ser humano em usar alegorias para retratar seus sentimentos, e como ele se permite através da simbologia o direito à transcendência. Eis que surge a seguinte questão:

Se a simbologia é utilizada para ilustrar uma aspiração ao qual ele não pode ter acesso, de que adianta a sua expressão? Não estaria ele -- o ser humano -- pendurando um quadro de frustração na parede de sua existência? Pois no caso do desenho citado, para onde voaria a pomba, uma vez que não mais existindo a terra -- local onde é garantida a sua existência, pela atmosfera e outros aspectos -- não haveria onde ela pousar. Por mais que a necessidade do vôo seja presente, certamente haveria um momento, em que ela iria querer descansar suas asas. Fixar-se em algo sólido.

Será que poderíamos culpá-la por desejar um momento de repouso, um momento em que ela pudesse expressar sua outra maneira de pomba também ser?

Acredito que ela sabe que possui esse direito, mas e quanto a nós que a observamos, transferindo para ela a imagem da liberdade que tanto almejamos. Certamente não a perdoaríamos por esse breve intervalo, pois pomba que liberta, é pomba que voa. Pomba pousada em qualquer lugar, é liberdade que abre mão do direito de ser livre.

Talvez não a apedrejassemos, mas inevitavelmente, a olharíamos com o rancor daqueles que querem mas não podem, quando vêem aqueles que podem mas no momento não querem.

E quero?

Quero simplesmente que o que não quero obedeça meu não querer e não seja. Quero também que o que quero obedientemente seja.

Quero com isso me isentar de participação.

Não quero decidir.

Porém, para que o que quero seja e o que não quero não seja, terei de definir o que quero e o que não quero.

Estou impotente, inadequado e quero -- tenho quase certeza -- desistir de tudo. Terei a necessária coragem ou a necessária covardia?

Não sei.

Que direi ao meu carcereiro, que não é nenhum outro senão eu mesmo, quando ele abrir a porta de minha cela, e me disser: vai.

Certamente eu recusaria a oferta. Sair de uma prisão, significa aceitar a liberdade. E eu desconfiava de que acabaria por transformar a liberdade em uma prisão mais torturante.

É suportável uma cela com quatro paredes, mas a visão do mundo simbolizando um cárcere, é algo a que ninguém sobrevive, pois se finaliza qualquer possibilidade de uma futura libertação. Enquanto que em um quadrilátero, mesmo que ilusoriamente, a esperança de ser livre continua a existir.

Resolvi deixar a pomba decidir os rumos de sua vida, e retornei a caminhada em direção ao mercado de Interzona.

## **O MERCADO**

*Calo-me. Porque não sei qual é o meu segredo. Conta-me o teu, ensina-me sobre o secreto de cada um de nós. Não é segredo difamante. É apenas esse isto: segredo.*  
*Clarice Lispector, Água Viva.*

Interzona sempre foi um lugar que pela sua inerente estranheza eu me identifico bastante. Um estranho passeando no estranho, perfeita harmonia.

Após aproximadamente uma hora, depois de observar os fabricantes de carne preta em seu incomum ofício, e de conversar com dois Mugwumps sobre o aumento de estrangeiros na zona a procura do líquido produzido por eles, dentre outros assuntos, me afastei, refletindo sobre algo que um deles dissera acerca dos sentimentos de culpa e rejeição que a maioria dos freqüentadores do mercado deixava transparecer. Foi o seguinte:

De fato, os intocáveis desempenham uma função sacerdotal, ao tomar para si toda a vileza humana.

Pensando nessa citação do Mugwump, decidi sentar-me numa das mesas a frente de um bar e beber algo. Pois não precisava me preocupar com o tempo, eu não tinha nada para o que voltar, não estava esperando absolutamente nada.

Comecei a pensar na lista que encontrei em meu quarto, e compreendi que a ausência por mim detectada, se justificava justamente por assumir essa postura sacerdotal, e uma vez reconhecendo em mim a citada vileza humana, não me julguei merecedor de figurar entre os listados. Mas será que os que ali se encontravam também eram merecedores? Estariam eles isentos das vicissitudes que nossa condição humana nos impõe?

Incapaz de no momento chegar a uma conclusão sobre a questão levantada, sabia que futuramente eu retornaria a esse ponto para rever essa escala de merecimento e reavaliar a relação autopunitiva que eu estabelecera comigo.

Como sempre, achei que tinha resolvido o problema, apenas pelo fato de me prometer pensar no assunto, pois sempre fui promessa. Raramente atitude.

Mas o que aconteceu a seguir, me fez ver como é prejudicial se estabelecer no adiamento, porque nem sempre as circunstâncias da vida esperam o momento que achamos ser propício para enfrentarmos certas questões.

Arrancado de forma violenta de minhas divagações, passei do estado de completa indiferença à plena excitação e temor, ao observar AJ perambulando pelo mercado de capa preta com um urubu pousado num dos ombros.

O urubu é a resposta de Deus ao nosso equivocado conceito de beleza, pois se exaltamos a beleza do cisne com sua brancura e elegância, não podemos esquecer que cisne e urubu são obras do mesmo criador. Vale também ressaltar que o cisne já foi considerado feio, por aqueles que o julgavam pato.

O que mais me arrebatou, foi a coragem de AJ em ostentar a expressão da natureza que classificamos como feia e repugnante. Será que ele já tinha atingido um grau tão grande de autoconhecimento, onde a necessidade de mascarar aquilo que é rejeitado e marginalizado já não mais se faz presente?

De minha parte, tratei de domar o meu urubu, que à visão do urubu de AJ já se debatia e tentava alçar

vôo para pousar em meu ombro. E como sei que ainda não sou forte o bastante para suportar o peso do meu urubu nos ombros, levantei-me da mesa, paguei o refrigerante que nem cheguei a beber e me afastei do mercado.

Fiz sinal para um táxi que se aproximava, pois queria me afastar de Interzona o mais rápido possível, e pedi ao motorista que fosse em direção ao centro da cidade.

No táxi, o motorista desenrolava uma lengalenga da qual eu só ouvia fragmentos. Sentia minha mente totalmente vazia. Não por falta de pensamentos, mas por um excesso deles, não conseguindo optar, nem me concentrar em nenhum.

O percurso transcorria sem problemas. O semáforo que estava diante de nós, começava a indicar que poderíamos seguir em frente, o que aconteceria assim que a luz verde acendesse.

O veículo avançou com a permissão que lhe fora dada, e de dentro dele, vi surgir diante de mim a cara metálica de um ônibus que havia avançado o sinal que para ele estava fechado.

A colisão seria inevitável, e não sei se cheguei a falar, ou apenas pensei:

-- Não.

Fiquei algum tempo com as pálpebras cerradas esperando o choque que não acontecia, e achei que a curta distância que nos separava do ônibus, não justificava o fato de não termos ainda colidido com ele.

-- Será que a coisa toda já aconteceu? Indaguei incrédulo a mim mesmo em pensamento, pois não ousava mover um único músculo sequer.

Mas a medida que nada acontecia, só me restava abrir os olhos, e tentar descobrir o que se passava.

Num esforço de coragem, abri os apavorados olhos, e descobri que o tempo havia estagnado, assim como acontece quando congelamos a imagem em um vídeo que reproduz uma fita.

Olhei para o motorista do táxi, e esse não se movia, parecia petrificado, mantendo-se na mesma posição e conservando a expressão de pavor que certamente correspondia ao momento em que percebera o que iria acontecer.

Voltei meu rosto para a janela do veículo, e a surpresa não foi menor, quando vi que todas as pessoas, os carros, tudo havia parado. Só eu me movimentava nesse mundo de estátuas inanimadas.

O ônibus, com seu rosto de lata, continuava a me encarar, e parecia que esperava uma resposta sobre o destino de todos que estavam envolvidos naquela fatalidade iminente.

Eu comecei em mim, e terminarei da mesma forma. Sei que não ultrapassarei isso.

Esse começo é delimitado por um parêntese situado a minha esquerda, do qual gradativamente me distancio. E o término que ainda não chegou, e não sei quando chegará, será anunciado no momento em que eu me chocar com o parêntese que me aguarda a minha direita.

Eu temo o parêntese que marcará o meu fim, assim como temi ao me afastar do que marcou minha inauguração.

Esse medo nasceu em função de eu não saber se eu era antes de ser, e se continuarei sendo depois que for.

A idéia de eternidade ou infinito é algo que ultrapassa minha compreensão.

Prisioneiro do finito podem me chamar.

O estupor diante da verdade inabalável e também inútil, me remete à uma melancolia sem sofrimentos, face ao fato de que todas as alegrias e prazeres que eu venha a conquistar, estarão destinados a acabar.

Em compensação, um contraponto me consola e me lançará em novas conquistas. A certeza de que também as tristezas e as dores não durarão para sempre.

Nesse momento, tudo é silêncio e quietude.

Um silêncio que esconde um prodígio, e uma quietude que revela uma iminência.

A iminência do Deus.

Estou completamente só nesse agora, e essa solidão e essa atualidade arrancam de mim as vestes da minha história.

Não tenho a quem e nem a que pedir socorro, nem mesmo ao Deus, pois não sei mais como é sua face. As imagens transmitidas a mim ao longo de minha vida que O reduziam ao tamanho de minha compreensão se dissolveram.

Será que o “d” e o “o” maiúsculos ainda representam resquícios dessas imagens que imagino ter abandonado?

Não sei, só sei que sinto uma presença e uma força que me amedrontam e ao mesmo tempo me atraem. É como se eu estivesse prestes a me diluir em algo que só compreenderei, se eu aceitá-lo antes de compreendê-lo.

Deus fez o homem a sua imagem e semelhança e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida dizem as escrituras.Porém, nesse instante, começo a desconfiar que a ordem não foi bem essa.

Pelo que conheço de mim e pelo que conheço dos homens, sou mais inclinado a acreditar que o homem O imaginou a sua imagem, para que não se sentisse tão perdido e tão sozinho nessa vida que não compreendemos.

Nada é verdadeiro ou falso.Todas as coisas são tentativas de expressar o todo que não entendemos.

Eu vejo uma escada em chamas ladeada por muros.No alto dessa escada, vejo um ser que se assemelha a mim e me diz que só eu poderei descer por esse caminho.

No meu íntimo, sei que o fogo não me queimará, mas o que eu sei e entendo do fogo não me deixa acreditar nisso.A razão continua me mantendo no lado de cá.Então eu soube que teria de escolher entre viver ou morrer.

Optando pela vida, eu estaria salvando não só a mim, mas também o motorista do táxi, o do ônibus e a dos passageiros.

Se optasse pela morte, eu prejudicaria pessoas que não tiveram a mesma oportunidade à escolha que eu estava tendo.

Conscientizei-me também, que quando optamos pela morte mesmo sozinhos, prejudicamos as pessoas que nos amam, por não acreditarmos que o amor oferecido por elas, seja suficiente para satisfazer a quantidade de amor que achamos ter necessidade.

Desejei algumas vezes a morte, na esperança de que ela fosse a solução para as dificuldades e tristezas da vida.Mas agora que a vejo, sinto que não a quero, e já que posso optar, abraço a vida.

Não quero mais permitir que a mosca ilesa peça perdão à aranha frustrada.

Que tenho eu a ver com a redenção?

Não sou responsável pelas moscas que não tiveram a mesma sorte que eu, e foram apanhadas na teia, e cruelmente devoradas pela aranha que se cumpre.

Crueldade.Sim, esse é o termo.Também me alimento daquilo que posso dominar.A natureza é cruel, e no meu banquete, não permito que a misericórdia se coloque em primeiro lugar.

Em escalas de prioridade, vem primeiro a sobrevivência, e atrás dela, o que posso sentir e fazer, se sobreviver.

Outras teias me esperarão, e se eu puder escapar, escaparei.

No meu vôo, que ainda é livre, continuarei torcendo para que todas as moscas escapem, mas sei que as aranhas do mundo não morrerão famintas. E essa, é a grande dúvida do viver. Segredo.

Digo ao ônibus que se desvie de nós e siga seu destino com seus passageiros. Ao tomar essa atitude, deixarei que o motorista do táxi siga o dele, e eu o meu.

O ônibus me lança um olhar de simpatia, concordando com minha decisão e segue seu rumo.

O táxi dá uma pequena derrapada e freia bruscamente.

O motorista aliviado diz:

-- Quase não consigo desviar.

-- Sim, foi por pouco, respondo em secreta felicidade.

## ***PARAÍSO***

*Vigaristas de todo o mundo. Só há uma marca que vocês não podem vencer. A marca interna.*  
*William S. Burroughs, Almoço Nu.*

Soltei do táxi, e subitamente senti uma necessidade de estar em contato com a natureza, e fui a procura de um lugar onde pudesse ficar mais próximo do verde.

Estar próximo do verde, seria a possibilidade de talvez conseguir chegar ao âmago de mim, pois que verde foi a cor escolhida pela natureza para colorir a esperança.

E como a esperança em última análise é o que nos leva adiante, o que me motivou a procurar um campo,

foi o fato de que totalmente cercado pelo verde, eu estaria repleto de esperanças.

Esperança de poder chegar logo ao meu todo, assim como enormes massas de água que despenham em cataratas, chegando de imediato ao lugar onde precisam ir.

Minha vida biológica e minhas paixões não me permitem a sabedoria das gotas, que vão pingando pacientemente para o seu destino.

Não, minhas ansiedades não me permitem ser sinônimo das gotas, só sei ir torrencialmente aonde quero. O que quase sempre faz com que eu me desvie do curso do rio principal, e acabe estagnado em algum de seus afluentes.

Perambulei durante algum tempo sem rumo, e só parei quando vi uma multidão que se apinhava diante de um palanque a frente de um campo que estava sendo inaugurado naquele momento, e pude ouvir o discurso de inauguração que precedia a sua abertura.

-- É com imenso orgulho que estamos aqui hoje reunidos para inaugurarmos o Campo Paraíso.

Nesse lugar, de extrema abundância de ofertas da natureza, sempre haverá espaço para aqueles que em certos momentos estejam precisando de um pouco de paz. A aqueles que se encontram em seus infernos particulares. E uma vez que o inferno é um lugar de almas aflitas e de tormentos eternos, o que aqui estamos propondo, é a possibilidade da serenidade e do bem estar.

A doçura do cervo é encontrada na raposa.

A coragem e a honestidade do leão na ratazana.

Toda a fauna vive em perfeita comunhão.

O campo é para ser usufruído na sua totalidade, mas é importante observar, que nele, está contido uma árvore que gera um fruto desaconselhável. Caberá a cada um reconhecer esse fruto e se distanciar dele com sábio poder de discernimento.

Pedimos desculpas por não excluirmos essa árvore das demais, mas o fato é que ela como as outras também obedece à insistência da vida, e por vezes, nasce em lugares escondidos e só se define como tal, individualmente para cada pessoa. Por isso, nós os projetistas do campo não podemos encontrá-la, pois cada um apontaria para uma árvore diferente.

A exceção desse detalhe, o campo é tal e qual foi prometido.

Agora, cortaremos a fita inaugural, que impede a nossa entrada, e a partir daí, o campo estará livre para

quem quisesse entrar.

Vi uma floresta, pelo menos era o que aquele campo com árvores me parecia. Era um campo que se exprimia como floresta.

Campo, porque eu antes mesmo de entrar, já podia ver os seus limites, os seus contornos. E floresta, porque eu sabia que depois de entrar, eu poderia me perder completamente, poderia levar toda a vida para conseguir sair. Se sáísse.

Mas a questão era que o que se passava comigo fora do campo floresta já não mais me satisfazia, e eu imaginava que uma vez lá dentro, poderia ver as coisas sobre uma nova perspectiva. Então entrei.

Minha primeira impressão, foi a de estar em um campo. Eu via as cercas que o contornavam e além delas o movimento das pessoas, os carros, a luz do dia, todo um cotidiano por mim conhecido.

Perdendo o medo que o campo fosse floresta, fui relaxando e já sentindo brotar uma sensação de bem estar e intimidade, comecei a observar o lugar onde estava.

Havia árvores muito altas e com uma folhagem tão densa, que era impossível conseguir ver o céu. As raízes dessas árvores eram enormes e não estavam totalmente cobertas pelo solo, o que criava um quadro altamente convidativo e acolhedor. Sabia que no momento em que eu quisesse descansar, seria ali, nas raízes de uma das árvores a escolher.

Percebi também, que todas as árvores eram frutíferas, porém o único fruto que reconheci foi o caju. Os outros eu também conhecia, mas não conseguia entendê-los na forma como se mostravam, por isso escolhi as raízes do cajueiro para me estender e descansar.

Foi nesse instante, que percebi a artimanha do campo. Ele é na realidade uma floresta.

Uma floresta que uma vez penetrada sem um novelo de lã para marcar o caminho de volta, nos detém em sua aparente doçura de campo.

O mais curioso de tudo, é que continuamos a ver o lado de fora do campo, não há nenhum fator externo que nos impeça a saída. O problema, é a curiosidade e a atração de floresta que ele exerce em quem penetra seu interior. Como poderemos sair da penumbrosa e refrescante atmosfera que nos é propiciada, antes de entendermos os frutos das outras árvores.

Então, com a conformação de quem encontrou seu lugar no mundo, deixei-me ficar aos pés do cajueiro em estado de isenta contemplação, "plenitude sem fulminação".

--Bela árvore a que você escolheu para descansar. Sugere a deslizante serpente em tom contrito e pacato comportamento.

-- Sim, arrisco um pouco temeroso.

-- Eu estava ansiosa para que o campo fosse inaugurado.

-- A expectativa de conversar com pessoas, é algo que me acompanha a um certo tempo.

-- ...

-- Não que os animais que aqui vivem não sejam agradáveis e não falem de coisas interessantes, mas tenho curiosidade em saber como é a visão do mundo pelos seres humanos. Que imagino, deva ser apaixonante.

Uma vez que não há barreiras de nenhuma natureza, em seres que possuem a capacidade de raciocinar e ao mesmo tempo, possuem os instintos animais tão bem harmonizados com o intelecto.

-- Ocorre em alguns casos, respondi melancólico.

-- Como assim? Não posso crer que haja dificuldades nas relações entre vocês seres humanos.

Certamente, a capacidade de raciocínio que lhes é inata, proporciona um convívio tranqüilo, com respeito às individualidades. E principalmente no que se refere as questões sexuais. Pois creio eu, que todos vocês sem exceção, usufruem desse necessário contato com muito mais percepções, e com maior consciência e liberdade de satisfazer seus desejos.

Senti nessa última observação, um tom um pouco mais incisivo e sugestivo, e admiti derrotado:

-- Não é o caso de muitos.

-- Oh, perdoe-me se me intrometo em suas particularidades, e se lhe aborreço com minha tagarelice.

-- Não se incomode com isso, retorqui sarcástico.

-- Peço-lhe sinceras desculpas por incomodá-lo. E gostaria que você soubesse que além de minha vontade de conversar um pouco, o que mais me motivou a me manifestar, foi o fato de que desde que você chegou aqui, já se passaram muitas horas, e imaginei que você estivesse sentindo um pouco de fome. Então lhe trouxe como presente de boas vindas um caju bem maduro.

Aceitei o presente, e fiquei um tempo a olhá-lo em minhas mãos.

O caju observado com seu caroço virado para cima, é um belo homem de cintura fina, ombros largos e

tórax protuberante.

Decorridos aproximadamente três séculos e meio, fui despertado de meu devaneio por um leve toque do musculoso braço de AJ em minha mão.

AJ é considerado pelos freqüentadores de Interzona, um homem volúvel e violento. Isso, já seria o bastante para que eu não levasse adiante o contato que se estabelecera. Mas por mais que eu temesse esses riscos, havia uma ameaça maior, ao qual nem AJ nem outro homem poderia me infligir.

Ao me relacionar com AJ ou qualquer outro como já falei, eu não correria o risco de me afogar em águas diluvianas, e a necessidade de penetrar na arca para me livrar das águas que me levariam não ocorreria. E uma vez não precisando me refugiar no seco útero, que por ser seco é infértil, e por ser infértil não me propiciaria um renascimento, eu resguardaria intocadas minhas características naturais, e teria tempo para tentar compreendê-las, sem me impor o abandono de coisas que eu não entendia, mas que eu sentia, e que eram minhas.

Eu não imaginava que AJ pudesse ter um interesse físico por mim, sou o oposto do caju com o caroço para cima. Mas fui sentindo gradativamente uma pressão maior do braço de AJ, que agora já envolvia meu braço direito e minha axila.

Incapaz de qualquer atitude, deixei que ele cada vez mais fosse tomando conta de meu corpo. Minha imobilidade era um sinal de assentimento que ele conseguiu compreender. Eu sentia suas coxas pousando sobre as minhas, seus braços me envolvendo e me imobilizando numa dominação viril e indiscutível. Eu não opunha qualquer tipo de resistência. Todo o meu ser desejava ser explorado e desfrutado em completa rendição à necessidade de prazer de AJ.

Além de seu sexo que é rijo como uma raiz de cajueiro, que ele pressiona contra meu corpo, meu prazer se intensifica, quando em curtos espaços de tempo ele me aperta com suas pernas e braços, e flexiona os músculos, fazendo com que estes pareçam ter vida própria.

E nesse ritmo, viajo para além daquilo que a princípio já não mais reconheço como sendo eu mesmo, pois até então, não sabia que seria capaz de sentir tanto prazer. O que me fez lembrar um trecho de Clarice Lispector em *Perto do Coração Selvagem*. Ei-lo:

Quem se recusa o prazer, quem se faz de monge em qualquer sentido, é porque tem uma capacidade enorme para o prazer, uma capacidade perigosa, daí um temor maior ainda. Só quem guarda as armas a chave é quem receia atirar sobre todos.

Indescritível e sem testemunhas, o momento em que eu, representado pela figura de um ancestral quase homem na pré-história de nossa raça, corria livre pelos prados em fuga ou em busca de alguma coisa, obedecendo a instintos primitivos.

Houve um instante, em que me perguntei -- da forma como poderia ser em tempos imemoriais -- porque fazia aquilo.

A partir daí, o homem começou sua jornada em sentido paralelo e em alguns casos oposto ao dos outros animais. Adquire a consciência de sua individualidade, e de agora em diante, ele será superior e dominará entre os seres vivos.

Possuirá a glória das supremas conquistas, e os fardos a elas atrelados.

Enquanto isso, a fauna da qual se destacou, continua interiormente inalterada e a correr por outros prados.

Esse instante, eu o reconheço em mim, portador que sou das heranças de meus antepassados. E como o homem pré-histórico com seu despertar despertou outros de sua espécie, assim eu despertarei outros eus que até então também vagavam sem rumo a obedecer instintos.

Enfim, eu havia provado do fruto proibido, só que nesse caso, não era a maçã, mas o caju. E como a punição é a mesma para todos desde os tempos de Adão e Eva, vi que era chegada a hora de abandonar o paraíso, e assim como eles, conseguir um lugar no mundo, sabendo que não mais esqueceria os ensinamentos no paraíso aprendidos.

## **RESGATE**

*Todos os moralistas estão de acordo em que o remorso crônico é um sentimento dos mais indesejáveis. Se uma pessoa procedeu mal, arrependa-se, faça as reparações que puder e trate de comportar-se melhor na próxima vez. Não deve, de modo nenhum, pôr-se a remoer suas más ações. Espojar-se na lama não é a melhor maneira de ficar limpo.*

*Aldous Huxley, Admirável Mundo Novo*

Saí do paraíso, e entrei no mundo com o gosto da fruta ainda na boca, e tinha que decidir se o gosto que permanecia seria transformado em liberdade ou pecado.

Se fosse pecado, o que acarreta punição, eu teria o problema resolvido, pois bastaria continuar a levar a vida como sempre.

Mas, se fosse liberdade, aí sim eu teria que operar mudanças em mim.

A primeira coisa a fazer, e fiz, por ter decidido pela liberdade, foi tomar o rumo do cemitério onde há muito tempo atrás, sepultei vivo em cova profunda, um dos meus eus que tentei sublimar, e que mesmo enterrado e em estado de acelerada decomposição, ainda arranha as paredes do ataúde tentando se libertar.

Parei para pensar em quais seriam as ferramentas que eu precisaria para profanar um túmulo.

Sabia que necessitaria de uma pá e de uma picareta, para quebrar e cavar o que havia de sólido na sepultura.

E quanto ao material que havia dentro de mim, que também lacrava o sepulcro? Que instrumentos eu usaria?

Pensei na coragem e na determinação. Mas estas eram ferramentas que apesar de gratuitas, exigiam um esforço muito maior de minha parte para consegui-las.

A pá e a picareta, eu as obtive comprando-as. A coragem e a determinação, eu as encontrei empoeiradas em prateleiras instaladas nas paredes da minha covardia.

Juntei todos os apetrechos, e chegando ao túmulo, comecei a cavar. Senti a alegria da putrefata criatura, ao perceber que a oportunidade de retornar à vida lhe seria dada.

Abri o caixão, e vi no que se transforma aquilo que nos é inerente e que rejeitamos.

Esse eu, estava bastante comido pelos vermes da terra e da frustração, mas ainda vivia e estendia seus braços descarnados em minha direção pedindo auxílio.

Fiquei nauseado com a visão e com o odor que se desprendia da coisa. Coisa bela que eu transformara naquilo por me envergonhar dela.

Mas a vida pulsava ali. E eu sabia que se fosse bastante corajoso para ir me resgatando, o sacrifício exigido seria superado por mim.

Peguei a coisa nos braços com todo o cuidado para não machucá-la mais do que já havia machucado. Recostei sua cabeça em meu peito, retirei os trapos que a vestia, para deixá-la exposta ao sol e para que eu pudesse vê-la em sua totalidade.

Beije a boca que exalava um cheiro nauseabundo, e permiti que nossas salivas em emanções miasmáticas se misturassem. Soprei meu hálito de vivo em suas entranhas de quase morto, assim como os salva-vidas ao salvarem um afogado.

Ao terminarmos o beijo, eu quase morto sorri para mim vivo e meneei levemente a cabeça, concordando em ir comigo viver a vida.

Dei o nome de "Esnurbarquiro" ao eu quase morto. Ao fazer isso, eu quis incutir-lhe um sentimento de individualidade. E assim, espero conseguir refrear seus ímpetos de se amalgamar em mim, antes de ter se recuperado totalmente e restabelecido seu vigor.

Levei Esnurbarquiro a uma parte de mim, que é bastante fresca e acolhedora, e instalei-o o mais confortavelmente possível, para que sua convalescença seja rápida e plena.

Assim que ele caiu em sono profundo, fui procurar o Colosso do Medo, que me fez muitas vezes obedecer a ordens que eu quis recusar, mas não tive coragem, por temer os castigos que podiam advir da desobediência.

Encontrei-o, e com mãos trêmulas, toquei na gigantesca estátua que durante muito tempo só pela lembrança, eu nunca ousei enfrentar.

E o Colosso era apenas isso, uma estátua sem vida. Impotente.

Como eu nunca soube a causa de tantos medos, transferi para o ser inanimado a origem deles.

Mas agora que me encontro diante dele, descubro que seu poder está na visão de sua grandeza.

Contraditoriamente, essa grandeza instalada em imponente pedestal, do qual não pode se ausentar, é também sua neutralidade e sua fraqueza.

Para compreender isso, basta termos a consciência de que os passos dados em obediência ao medo, são nossos. Dar esses passos ou não, em última instância, é uma decisão que cabe a nós.

O Colosso nunca vêm a nós. Nós é que vamos a ele e nos prostramos de joelhos à sua frente, em sinal de reverência e adoração ritualísticos, para mantermos acesa a chama da ilusão de que aquilo que nos pertence, seja bom ou mal, provém de fatores externos. Isentando-nos das responsabilidades de certas atitudes ou pensamentos.

Esnurbarquiro se agita um pouco em seu sono. Fico tranquilo, pois sei que a agitação é resultado da íntima satisfação em saber que o Colosso foi desmascarado.

ESNURBARQUIRO:

Estou saindo de um pesadelo, ou lentamente abandono uma triste realidade que vivenciei por muito tempo.

O pretexto para meu confinamento reside em mim, não a justificativa.

O que sou, prescinde do belo e do feio, mas é pleno e inequívoco.

Ter consciência disso, me permite compreender porque fui durante um longo período sublimado e pintado com cores outras.

Agora, sinto-me resgatado, mas deixarei que o outro me compreenda e me veja como sou, e se reconheça no que ver.

E é com alegria profunda que digo adeus ao Cáucaso.

Achei que deveria parar de vagar sem saber aonde ir, e fui andando em direção ao metrô para voltar para casa.

Desci as escadas da Estação Paciência, e esperei pacientemente pelo trem que custou a chegar, pois era o último naquele dia.

A Estação Paciência fica a quatro estações de minha casa. Logo depois, o trem para no terminal da Loucura.

Conforme o trem foi se aproximando da plataforma, me encolhi em meu banco, temendo o que aconteceria quando as portas se abrissem para a loucura.

Aparentemente, tudo parecia normal. A única situação diferente acontecia em um dos extremos da plataforma, onde eu via um balcão, e uma mulher vestindo um jaleco. Essa mulher manuseava uns pequenos objetos que se assemelhavam a estatuetas de pássaros. Ela os retirava do balcão que estava a sua frente e os colocava enfileirados em prateleiras de madeira, e dizia para quem quisesse ouvir:

-- É assim que se deve lidar com as Coimbras.

Dentro do vagão onde eu estava protegido da loucura, Coimbra poderia ser o sobrenome de alguém, ou o nome de um lugar em Portugal.

Respirei aliviado, quando as portas se fecharam, e o trem me levando em seu interior foi lentamente retornando a sua marcha, afastando-se da loucura.

Quando as portas se abriram novamente, foi o momento de contemplar a Estação da normalidade.

Durante o tempo que fiquei diante do normal, me perguntei se ele assim é, por ser a maneira correta de vermos a vida, e ser a única forma possível para que as coisas possam acontecer.

Perco-me num instante de dúvida, mas logo após, me certifico que não quero viver no que foi convencionalmente classificado de normal.

Ouso continuar dentro do trem, sabendo que novos atrativos e novas questões se abrirão em forma de estações.As quais terei que optar entre sair e me diluir em suas propostas, ou seguir meu caminho.

Deu-se mais uma parada de que não me recordo, absorto estava em meus pensamentos.

A próxima era a estação do Livre-arbítrio.Coincidentemente, seria o terminal em que eu deveria saltar, se quisesse voltar para casa.

Se eu continuasse, as portas se abririam para o fim ou para o arrependimento, e como eu não desejava nem um nem outro, saí do vagão, escorado pelo direito à escolha, que o livre-arbítrio me oferecia.

## **APRENDIZADO**

*Tudo no mundo está dividido em duas partes, das quais uma é visível e outra invisível.A visível nada mais é do que o reflexo da invisível.*  
Zohar, I, 39

Cheguei em casa um pouco cansado, e querendo refletir sobre as coisas que aconteceram desde a manhã.Mas ainda não conseguia avaliar o que estava sentindo.Fui para meu quarto, olhei o toca-discos, e pedi mentalmente a ele, que não me desse mais lições sobre a vida.Pelo menos naquele momento, e coloquei nele o álbum Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band dos Beatles, deixando a capa na frente dos outros lp's.

Deitei-me no chão e me entreguei ao ritmo das músicas. Terminado o primeiro lado, levantei-me para por o outro lado do disco, e tinha a intenção de voltar à posição anterior.

Ao articular esse movimento, mirei por alguns instantes as figuras representadas na capa do disco, e nesse momento, iniciou-se uma série de estranhos acontecimentos.

Para poder contar o que aconteceu, será necessário que antes eu faça uma rápida descrição de como é a capa deste disco.É assim:Num primeiro plano, os quatro Beatles um ao lado do outro fardados.Atrás deles figuras ilustres como Oscar Wilde, Marilyn Monroe, etc. e outras não tão ilustres assim, porém escolhidas por eles para participar da foto.

Voltando ao instante em que focalizei a fotografia, percebi que as pessoas ali representadas estavam em movimento; para falar a verdade, uma completa confusão.

A disposição original da capa estava totalmente alterada, e os figurantes falando e correndo entre si.

Totalmente atônito e desejando que aquilo não passasse de um sonho, percebi que Mae West acenava para mim, e me chamava para juntar-me a eles. Aceitar o convite, decisão que por maior apreensão e desconforto pudesse me causar seria inevitável, e sem pensar em possíveis dissabores, me lancei contra a capa do disco.

Feito isso, fui logo em direção à Mae West, uma vez que o "convite" partiu dela.Depois de muitos encontrões e certo mal estar causado pela total desordem do ambiente, consegui alcançá-la.Ao deparar-me com ela, perguntei-lhe qual o motivo de todo aquele rebuliço, e a resposta foi a mais surpreendente possível.

Foi-me revelado que estava havendo uma implacável caçada a uma pessoa que não havia sido convidada a participar da reunião, e que seus propósitos eram absolutamente obscuros.

Tentando conter a ansiedade, indaguei-lhe sobre a identidade de quem estava sendo perseguido, e pasmem, a resposta foi simplesmente Mark Chapman, o assassino de John Lennon.Imediatamente fui tomado pelo desejo reinante de encontrá-lo e denunciá-lo, podendo colaborar para evitar a tragédia que nos é conhecida.

Mas ainda me detive um instante antes de me lançar na desvairada busca, para saber como eles tiveram conhecimento da presença dele naquele lugar. Ao que ela respondeu:

-- Desde que foi lançada, esta capa sempre foi motivo para discussões e controvérsias, chegando inclusive ao absurdo de publicarem um livro contendo pistas de alguma mensagem oculta de caráter maligno.

Passados dezessete anos do crime cometido, chegamos à conclusão de que os indícios que convergiam para algo sombrio em torno de Paul McCartney, nada mais eram do que uma tentativa de despistar a atenção do alvo realmente escolhido, ou seja John Lennon. A certeza total dessa hipótese se deu num dia em que Marlene Dietrich viu uma pessoa que não pertencia a foto original tentando aproximar-se de John, e que correspondia às descrições amplamente divulgadas no período do assassinato.

Mas faltava um ponto a esclarecer. Se eles possuíam a descrição de Mark Chapman justamente pelo fato dele ter conseguido atirar em John, como isso poderia ser evitado, decorridos dezessete anos? Ao que ela retrucou:

-- Tudo o que acontece na capa deste disco, está limitado até o momento da morte de John Lennon, pois na concepção original da foto ele está vivo. Se conseguirmos encontrar Mark Chapman aqui dentro, jamais o deixaremos sair, o que significa que em oito de dezembro de mil novecentos e oitenta ele não poderá estar no Dakota e disparar os tiros.

Diante desse argumento, não pensei em mais nada e me uni ao furiosos perseguidores.

Passados não sei se dias, meses ou anos, comecei a achar que a busca seria infrutífera. Norteado por esses pensamentos, me ocupei de outra tarefa. Tentar sair da capa do disco.

Foi então que encontrei Paul e lhe perguntei como poderia ir embora, pois não queria ficar ali até os sessenta e quatro anos, e ele me disse que tempo e espaço são puramente convenções, bastaria que eu me projetasse para onde e quando quisesse estar.

Não compreendendo muito bem, ou melhor não acreditando na resposta me dirigi a George que estava próximo. Disse-lhe que me sentia como escondido atrás de um muro de ilusões, e ele:

-- Tente realizar o que deseja com você mesmo. Nenhuma outra coisa poderá fazê-lo mudar.

Depois de algum tempo, encontrei John e comentei que achava as flores verdes e amarelas de papel celofane bonitas e o céu cor de marmelada deslumbrante, mas já começava a sentir falta de ver as coisas como estava habituado em minha realidade anterior, ao que ele retrucou.

-- Projete suas imagens no tempo e no espaço, faça jogos mentais, e o que você deseja se concretizará. Um pouco mais encorajado, saí em busca de Ringo, e ao encontrá-lo, contei-lhe que precisava de uma pequena ajuda de meus amigos, pois gostaria de retornar ao meu mundo.

-- Antes de pedir ajuda a alguém, procure ver primeiro se quer ser ajudado, e se esse auxílio não se encontra dentro de você.

Dito isso, captei a mensagem, e pensei. Se tenho que tomar uma decisão que é só minha, já é hora de assumi-la, e num salto pulei para fora da capa do disco.

Cheguei a tempo de ouvir os últimos acordes de A Day in the Life, e como o dia estava sendo totalmente preenchido por descobertas e por uma sucessão de fatos nunca antes vividos por mim, achei que o que John e Paul cantavam na música era bem parecido com o que acontecia comigo. Não nas situações, mas na descrição dos fatos vivenciados em um dia na vida.

Concluí que não adianta nos atermos em coisas que já passaram.

Nunca poderei mudar o bem ou o mal que já aconteceu. Só me resta analisar o que aprendi nos momentos vividos e extrair deles alguma coisa boa. Ou má, depende do ponto de vista

## **CONTRAÇÕES**

*A mente tonta quando não vê saída, pensa estar vendo o fim.  
Goethe, Fausto.*

Talvez a causa de ter vivido tantas situações atípicas, se deva ao fato de que na verdade, o que eu realmente gostaria, seria poder me expressar independente da forma, de maneira verdadeira. O problema, é que certamente após o doloroso parto de qualquer que fosse a expressão, eu teria que lidar com as sobras dos componentes utilizados para a conclusão desta.

Se eu pintasse um quadro, de alegria ou tristeza, bastaria que no fim da tarefa eu limpasse os pincéis e eventuais respingos de tinta que viessem a cair no chão.

Se fizesse uma escultura onde eu conseguisse moldar uma forma ideal, independente do material utilizado, bastaria uma vassoura para varrer o que sobrou, por não ter sido necessário à obra.

Caso eu não gostasse dos resultados finais obtidos, eu teria a opção também de refazer os trabalhos e tentar me aproximar mais do que eu gostaria de expressar.

Questiono-me porém, se refazer, rever, reformular, não significa também re-censurar.

Um sentimento ou idéia, já sofre uma censura ao os adaptarmos a uma forma de expressão. Raramente reproduzimos com exatidão uma concepção ao traduzi-la para uma linguagem de acesso.

Então, se eu remodelasse qualquer coisa que por algum motivo tivesse a necessidade de ser posta para fora, não estaria afastando-a mais ainda de seu formato original?

Mas a questão é que o que se debatia para nascer era eu mesmo, eu cada vez mais me dilatava.

A princípio não havia problemas, pois a película que me circundava e formava o meu invólucro era grande o bastante para que eu coubesse dentro dela e pudesse me movimentar a vontade. Mas à proporção que eu me expandia, sentia gradativamente a pressão da massa volumosa que eu me tornava contra o invólucro em que estava confinado.

Subitamente uma fenda se abriu na superfície da minha máscara, cedendo à pressão exercida de dentro para fora da matéria rebelde em que eu me transformara, fazendo com que parte do meu ser ficasse exposto em um mundo que eu não conhecia, e pior ainda, não via.

Senti o medo que se tem, quando no terror da noite que falta bastante para acabar, constatamos que um braço ou um pé está fora da cama, a mercê dos monstros que embaixo dela se escondem.

Então me recuso a nascer. Recolho o pouco de mim que tive a necessidade de expressar e prolongo a dor sentida no ventre que instintivamente sabe que o conteúdo por ele gerado não mais lhe pertence.

Sofro com a impossibilidade de me revelar à luz do mundo. Sofro a dor causada nos membros por não poderem se movimentar livremente. Mas essa dor, a que já me habituei, não é forte o bastante a ponto de fazer com que eu saia e mostre ao mundo os detritos onde fui gerado.

Minha visão felina não me permite deixar os restos da placenta onde meu ser se formou, à visão das pessoas. Pois como admitir que em minha formação -- depois de concluída e adaptada aos padrões do belo e do aceitável -- componentes tão violentos e disformes fizeram parte de seu processo.

A única forma de evitar a exposição daquilo que não admito, seria tomar como exemplo o da gata, que após parir sua ninhada -- que ela se orgulha em mostrar ao mundo -- come os restantes de sua placenta.

Mas e quanto a mim, que desde a descoberta do fogo me desabitei a comer carne crua?

Recusarei a carne, e continuarei sendo mais um no meio da multidão a não admitir que o rei está nu.

Ao contrário, tecerei comentários sobre a suntuosidade e a beleza das vestes que cobrem o rei. Não quero de forma alguma, que minha honestidade e inteligência sejam postas em dúvida.

O reconhecimento dessas aparentes qualidades que procuro vincular a mim, aumentam cada vez mais, face a importância que lhes dou. Não sou bobo, e seguro com mãos firmes esses adjetivos que aos meus olhos se assemelham a uma peça de um quebra-cabeças, onde sei que nos momentos oportunos poderei encaixar.

O que não percebo, é que conforme eu mais valorizo as virtudes que transformei em objetos encaixáveis, seu tamanho aumenta.

Suas formas continuam as mesmas, contudo, suas dimensões tornam-se bem maiores, fazendo com que eu seja dono de algo de grande importância, mas sem poder encaixar esse algo em nenhum lugar.

O tamanho do espaço vazio no quebra-cabeças continua o mesmo, e só poderá ser preenchido por uma peça que possua as mesmas dimensões.

Reconheço finalmente, que supervalorizar as coisas, faz com que estas se tornem inadequadas e sem aplicabilidade.

Jogarei fora a peça que tão importante passou a ser, e ficarei de mãos vazias e livres, para poder tocar e pegar em coisas talvez menores, mas que realmente importem.

## ***NASCIMENTO***

*Há os que reclamam do vento.*

*Há os que esperam o vento passar.*

*Há os que mudam as velas.*  
*Autor desconhecido, Século XIV.*

Desci ao banheiro para tomar um banho, e prometi a mim mesmo que não mais diria "e para minha surpresa", independente do que ainda pudesse acontecer. Sim, eu não mais me escorava na certeza de que o fim de um dia, de um mês ou ano, marcasse necessariamente também o fim de qualquer coisa que

estivesse acontecendo comigo. A partir de agora eu estava livre de intervalos.O meu ciclo seria contínuo, assim como acho que o de todo mundo é.

Então compreendi que deveria manter os intervalos e respeitar as marcações das horas e do tempo em geral, para poder me comunicar com o mundo. E me permitiria a liberdade do sem tempo, do sem limites para minhas relações comigo mesmo.Pareceu-me a decisão mais correta e pareceu-me também que se eu conseguisse levar adiante a decisão, minha sanidade estaria garantida.

Voltando aos poucos da abstração em que me encontrava, tomei consciência de mais uma coisa viva no banheiro.

Era uma barata.

Inconscientemente eu já sentia crescer a fúria do assassinato permitido e mecanicamente, avancei para a criatura, para dar cabo da vida dela.

Eu não sei de que forma a barata poderia alterar o que quer que tivesse de acontecer comigo, mas algo primitivo e instintivo me lançava em fúria colérica contra ela.Sentia-me como se estivesse num impasse de matar ou morrer.

Antes de pressionar o spray que exalaria o jato mortal, olhei um pouco mais a barata, e quase de imediato comecei a perceber que o que eu vejo, não é visto por mais ninguém, nem do lugar de onde eu vi, nem da forma como o que eu vi, eu senti.

A recusa da barata em fugir diante da oportunidade que lhe fora dada, fez com que uma conexão entre eu e ela começasse a se desencadear.

A imobilidade e a impassibilidade com que ela me encarava me fez ter a momentânea sensação de que estava diante de uma estátua sem vida, só um detalhe desmentia essa impressão.O movimento constante e circular das antenas perscrutadoras.Eu tinha a sensação de que com as antenas ela conseguia captar e decodificar as emanções por mim emitidas.

Então ficamos parados um diante do outro, a nos comunicarmos cada qual da forma com que sua natureza lhe permitia.

Eu olhei a barata e disse morte, e ela devolveu vida. Insisti e disse fim, e o que ricocheteou de sua armadura de escaravelho foi:

-- É hora de começar.E por que me matar se sou pura vida a ser vivida?E te digo mais assassino meu.Morrerei de mim mesmo.

Notei depois de algum tempo, que meu olhar que era todo voltado à barata, continha um misto de

contemplação e deslumbramento. Porém não era o deslumbre do espectador que vê na expressão distante um horizonte inalcançável. Nem tampouco a frustração de uma irrealização. Mas o reconhecimento de si mesmo naquilo que motivou o deslumbre.

O contato com a barata é uma experiência que se assemelha a um estado de graça. É assim:

No momento em que barata também eu era, não houve necessidade de me reportar ao passado, ou me projetar no futuro, era simplesmente agora, já, nem antes nem depois. Tanto que o que contei, foi um fac-símile do que realmente aconteceu, pois é algo impossível de traduzir em palavras. Talvez em música.

Yoko Ono consegue explicar de certa forma o processo na música Ask the Dragon, quando ela canta: Pergunte ao pássaro por que ele voa tão alto, e ele responde. Não sei, eu estou apenas fazendo isso. Pergunte ao elefante porque ele está levantando sua tromba, e ele responde. Não sei, eu estou apenas fazendo isso.

Poderíamos eu e a barata permanecer ambos no mesmo lugar sem nos envolvermos enquanto animais. Nos respeitávamos e estávamos prontos para a guerra enquanto homens, e nos compreendíamos e nos invejávamos enquanto mulheres.

Após nos despojarmos dessas convenções, e alcançarmos a simplicidade do que é essencialmente vivo, sem que eu não exigisse nada dela, nem ela de mim, uma sincera cumplicidade se estabeleceu entre nós. Nós nos aceitávamos cada qual com a expressão de sua natureza. E uma vez que não disputávamos mais nada, passamos a compartilhar nossas experiências individuais, que são bastante parecidas em certos pontos, e totalmente divergentes em outros.

Mas uma coisa existe na barata, e é algo que tentarei encontrar em mim. Consiste no fato de que mesmo depois de pisada e humilhada, ela insiste na vida, e a não ser que o golpe seja mortal, ela se descomprime e vai adiante, não se importando com o que os de sua espécie ou os de outras pensem a seu respeito. Pois que ela se aceita como é, não tenta como nós, parecer com outra coisa, senão com ela mesma.

Já eu, exigi como condição para vir ao mundo, sete máscaras. Assim como os gatos exigem sete vidas para virem.

A intenção oculta, era que elas me fossem negadas e eu não precisasse vir e mostrar meu rosto.

Desconcertante decepção. Ganhei todas as sete e não pude recusar.

-- Havia um consolo.

Eu as teria durante toda a vida e poderia substituí-las conforme fossem se desgastando.

Mas eis que a última, que é a que estou usando agora, já começa a se despedaçar, e a vida continua.

Cálculo de quantidade incorreta.

Tento colar os pedaços dela que vão caindo, mas ao fazer isso, formo um rosto muito mais transfigurado e horrendo do que aquele que imagino ter.

Concluo então, que teria sido melhor não me impor as máscaras, uma vez que terei de ir adiante sem elas.

O rosto se contorce de horror, ao sentir que já tem partes expostas denunciadas pelos pedaços da máscara que caíram e se perderam no decorrer do caminho.

O rosto só teme.

A brisa matinal que entra pelas fendas da máscara, os raios de sol, a chuva, são para ele ameaças ininteligíveis.

Corroído pelo medo, ele oferece logo as duas faces, em merecedora punição -- pois que não é belo -- sem que lhe tenham exigido nenhuma delas para ser esbofeteada.

Ao total cair da máscara, o rosto vê um ponto ínfimo que estava longe dele, exatamente a distância que seus olhos podiam enxergar. Aospoucos, esse ponto foi crescendo e tomando forma.

Aquilo se aproximava cada vez mais, e parecia que não pararia ao chegar a mim.

Ultrapassaria-me.

Mas eis que ao se mostrar totalmente, puxou uma cadeira, sentou-se e pôs-se a me observar. Eu lhe perguntei, quem é você?

-- Sou o que você ama e o que você odeia. Sou sua coragem e sua covardia. Aquilo que você almeja, e o que você nunca quer ter.

-- O que quer de mim?

-- Quero que você se conheça, e saiba que eu existo porque você existe, e que você existe porque eu existo.

-- Há algo em mim que não haja em você?

-- Não.

-- Há algo em você que não haja em mim?

-- Não.

-- De onde você vêm?

-- Exatamente de onde você está, e da maior distância que podemos estar separados sem que rompamos nosso elo.

-- Por que só veio agora, e como soube que eu estava aqui?

-- Há muito que esperava o sinal da estrela guia, e só hoje ela brilhou indicando o local do nascimento. Então, abandonei o lugar onde estava, trouxe três presentes que estavam guardados esperando a ocasião certa, e me despojei de todos os fardos e pertences antes adquiridos, para que no momento de nascer, eu possa estar pronto para aceitar uma nova vida, sem permanecer agrilhado a coisas que eu nunca soube se eram minhas de fato, e se eu as desejava realmente.

-- O que são estes presentes?

-- Como eu disse, são três. Uma lanterna, um par de óculos escuros e uma chave.

-- Para que servem?

-- A lanterna, é para ser acesa quando estiveres na escuridão. Para que não penses que no escuro, as coisas deixam de existir, abrindo mão delas no momento em que estavam prontas para serem compreendidas, ou serem tuas.

Os óculos, são para quando achares que já conheces tudo, porque acreditas que podes ver as coisas todas muito claras. Ao colocá-los, poderás perceber que por vezes, a pretensa claridade com que vemos as coisas, nada mais é do que um orgulho sem justificativas e interpretações egocêntricas calcadas em sofismas.

Quanto a chave, ela pertence ao par de algemas que fazem parte de nossos acessórios ao virmos ao mundo. Essa chave, é o seu poder de decisão quanto ao que você quer manter junto a você. Caberá a você, decidir o que deve ou não levar consigo durante a sua existência.

-- Há mais alguma coisa que você possa me dizer?

-- Não. Fiz a minha parte, agora estou aguardando que você faça a sua, para que deixemos de ser eu e você ou você e eu, e pararmos de nos desejarmos e de só nos vermos a distância, pois que somos uma coisa só.

-- Está pronto?

-- Sim, respondi.

E a coisa se assimilou em mim fragmentando-se numa infinidade de eus, pelos quais me deixei ser possuído e também possuí de todas as formas, numa lascívia que correspondia à orgia que acontecia dentro de mim.

Permiti tudo.

Amor livre, escândalo, incesto, paixão, ódio, alegria, harmonia, desespero.

Tudo o que estava reprimido e urrava em fome secular para se libertar saciou-se.

Senti-me consumido por um fogo que não doía, e tudo o que eu havia construído durante a vida se transformava em cinzas.

E era bom. Era um instante em que não se pode mais se arrepender e voltar. Era o caos, era a morte e a vida sem se distinguirem uma da outra.

O caos em cinzas, onde não mais se reconhece formas.

Um futuro descompromissado de possibilidades.

Um passado de que não se sente saudades.

E tudo no já.

Das cinzas, percebo que se formam asas. Asas cinzentas que voam.

Fênix renascida.

Pomba que pode voar com direito a pousar.

Uma sensação de que descia à um lugar em que eu me conhecia totalmente.

Ali, eu não sabia se deixava de ser, ou se era em toda plenitude.

Era como um vôo para baixo, onde eu só voltaria a subir, após ter tocado minimamente o chão.

Foi exigido de mim, e por mim, que eu vivenciasse uma sensação de fim, para só depois poder renascer.

No momento em que toquei o chão, deposei ali, muitas coisas que não mais fariam parte de mim. E ao retornar à ascensão, meu vôo seria permeado por uma total liberdade de movimentos.

Arrisco um primeiro passo abrindo os olhos, verificando onde estou. Vejo que a barata não está mais ali.

A barata foi embora cuidar de seus afazeres e me deixou nascendo de joelhos no banheiro com uma lata de inseticida nas mãos. Sua evasão do local me fez pensar que também eu deveria me levantar e ir embora para existir o que eu tivesse que ser. Mas como a posição que eu me encontrava era propícia a uma reza, fiz então a seguinte oração antes de ir:

Barata nossa que estais no céu. Santificado seja o seu ser. Venha a nós a vossa feiúra, seja cumprida a vossa natureza, assim no claro como no escuro. A visão do que não assumimos nos dá hoje. Perdoai nossa falta de coragem, assim como nós perdoamos aqueles que também não tem tido coragem. Não nos deixeis enganarmos de novo, e livrai-nos de nossa covardia, amém.

Nesse livro, faz-se presente a morte de alguma coisa e o nascimento de outra.

O que está para nascer, é algo ainda não identificado. Mesmo que fizéssemos uma ultra-sonografia, os resultados não teriam como ser esclarecedores, uma vez que o que quer que esteja se formando ainda não apresenta indícios do que poderá ser. Portanto, teremos de ser pacientes, e aguardamos alguns meses para que possamos ter uma idéia do que está por vir. E a não ser que tenhamos uma mudança radical em nossa forma de lidar com o outro, só nos resta antecipar algumas peças do enxoval, para que já possamos ir formando a personalidade daquilo que ainda nem nasceu.

Quanto ao que morreu, é justo reconhecermos que mesmo relutando, essa coisa compartilhou suas dores e algumas alegrias conosco. É válido lembrar também que em muitos momentos ela fez com que em nós, renascesse sentimentos adormecidos e cóleras inadmissíveis. Porém, como a vingança é algo impossível após a morte daquilo do que gostaríamos de nos vingar, peço a todos um minuto de silêncio dedicado ao morto, e que façamos uma oração -- que não precisa ser a da barata -- para que descanse em paz, e que não leve arrependimentos para onde quer que vá.

*"Um todo manifestado com uma espécie de sensualidade casta e pagã. O amor como uma vocação do homem e a poesia como sua tarefa."*  
Pablo Neruda

**FIM**